

Cinco Gatos e a Pergunta do Inquilino

O corpo é o hardware, o instinto é o software. E quem é o usuário?

Rafael M. Ehlers · rafaelmehlers.com.br · Julho de 2026

Tenho cinco gatos. Cinco corpos parecidos, cinco pacotes de instinto quase idênticos, e cinco criaturas que não se confundem um minuto sequer.

Descobri isso do jeito mais bobo. Peguei uma fitinha, dessas que imitam um bichinho, e comecei a arrastá-la pelo chão. O bote veio de todos: a pupila que dilata, o corpo que abaixa, o quadril que balança, o salto. É o mesmo gesto em cinco máquinas, tão antigo quanto a espécie, disparado por um movimento que nenhum deles precisou aprender. Nesse instante, os cinco são um só gato.

No segundo seguinte, os cinco se separam de novo. Um leva a fita para debaixo do sofá e monta guarda, cioso. Outro perde o interesse na hora, como quem já sabe que aquilo não se come. Um terceiro brinca com a delicadeza de quem tem medo de quebrar o brinquedo. O bote pertence à espécie. O que vem depois do bote pertence a cada um.

Fiquei com isso na cabeça, porque me pareceu que a natureza estava fazendo, ali na minha sala, uma coisa muito precisa e muito estranha.

Três camadas, não duas

O modo mais limpo que encontrei de dizer o que vi é em três camadas.

A primeira é o corpo: o hardware. Garras, retina, o circuito neural que existe antes de qualquer experiência.

A segunda é o instinto: o software. O programa que já vem instalado, caçar, fugir, cortejar, compartilhado por todos os da mesma linhagem. A fitinha aperta uma tecla, e o programa roda.

A terceira é a que me interessa: a individualidade. Aquilo que faz este gato ser este, e não o do lado. Ela não parece caber nas duas primeiras camadas. Não vem do corpo, porque os corpos são quase iguais. Não vem do instinto, porque o instinto é o mesmo. É um terceiro nível, rodando por cima dos outros dois, que eu não consigo nomear sem chamar de alguém.

As sub-raças deixaram a coisa nítida. Um bando de gatos da mesma raça é quase um experimento controlado: a criação seletiva fixou o software, o temperamento típico, a intensidade da caça, o jeito de se ligar às pessoas. E, ainda assim, dentro da raça, cada bicho continua sendo um. Se o software está fixo e o hardware é quase o mesmo, o que sobra de diferente entre eles precisa vir de outro lugar. Sobra o inquilino.

A ciência do software tem nome

O “instinto é software” não é invenção minha. A etologia, a ciência do comportamento animal que rendeu o Nobel de 1973 a Konrad Lorenz e Niko Tinbergen, descreveu isso com rigor de engenheiro.¹ Eles chamaram de padrões fixos de ação: sequências de comportamento pré-montadas, disparadas por um estímulo-sinal através de um mecanismo inato de liberação. O gato não decide caçar a fita. Um traço do mundo, o movimento, abre o gatilho, e o programa se descarrega inteiro.

A fitinha, aliás, é quase uma trapaça. Tinbergen mostrou que certos estímulos artificiais são supranormais, mais eficazes que o real: um filhote de gaivota bica com mais fome um bastão pintado do que o bico da própria mãe.² A minha fita de brinquedo é o rato que a evolução nunca viu, mais rato que um rato. Aperto uma tecla que a natureza deixou exposta.

Até aqui, tudo é hardware e software, e nada exige um inquilino. Se a história parasse nesse ponto, os meus gatos seriam cinco cópias de um mesmo programa, e a impressão de que são cinco pessoas seria projeção minha.

A história não para nesse ponto.

O inquilino que teima em aparecer

Que os animais têm personalidade não é poesia de dono. É um campo de pesquisa, com nome próprio, animal personality, e nos gatos alguém já mapeou até os cinco grandes traços, o “Feline Five.”³ A individualidade que eu vejo é medível.

O que me convenceu, porém, foram dois fatos mais duros.

O primeiro. Pegue camundongos geneticamente idênticos e crie todos no mesmo ambiente. Software igual, hardware igual, mundo igual. Deveriam sair iguais. Não saem. Num estudo publicado na Science em 2013, quarenta camundongos isogênicos, no mesmo recinto, desenvolveram personalidades distintas, e as diferenças cresceram com o tempo, acompanhadas por diferenças físicas no próprio cérebro.⁴ A individualidade brotou de onde, em tese, não havia de onde brotar.

O segundo é um gato. “CC”, o primeiro gato clonado, nasceu em 2001, cópia genética exata de uma gata chamada Rainbow. Mesmo genoma, mesmo hardware, mesmo software. E CC saiu com a pelagem diferente e, o que mais importa, com outro temperamento.⁵ Um clone, e ainda assim, outro alguém.

Quando as duas primeiras camadas são zeradas, quando o corpo e o programa são idênticos, a individualidade não some. Sobra um resíduo que nem o genoma nem o ambiente explicam por completo.

O garfo

O que é esse resíduo?

A ciência tem uma resposta sóbria: acaso do desenvolvimento. Nenhum organismo se monta duas vezes igual. Pequenas diferenças na hora de tecer os neurônios, um encontro a mais, uma experiência a menos, e o sistema toma rumos que se amplificam. A individualidade, nessa leitura, é emergente, a soma de milhões de micro-desvios num sistema sensível. Ninguém mora dentro. O gato é a configuração, não o hóspede da configuração.

Existe a outra leitura, a que a minha sala me sussurra: a de que o resíduo é o inquilino. A de que a natureza fabrica um veículo, hardware mais software, e a individualidade é o começo de alguém aprendendo a dirigir. O acaso do desenvolvimento não seria o autor da pessoa, mas o barro que a pessoa encontra para se moldar.

A ciência não decide entre as duas. As duas olham exatamente o mesmo dado, o clone com outro temperamento, o camundongo idêntico que virou indivíduo, e discordam sobre uma coisa só: se há, ou não, alguém ali. É uma pergunta que nenhum experimento, até hoje, sabe fazer de fora.

Vale reparar onde a metáfora do computador nos trouxe, e onde ela nos abandona. Ela funciona até a segunda camada: há mesmo um substrato, e há mesmo um programa. Depois disso, falha em dois pontos, e é nas falhas que mora o interesse. No bicho não existe a separação limpa entre hardware e software; o instinto não é código portátil, está cravado na carne, na fiação, e o corpo é, em parte, o próprio programa. E, sobretudo, no computador não há usuário dentro do programa. Ninguém habita um software. No instante em que digo “inquilino”, saí da informática e entrei na metafísica, sem aviso, no meio de uma frase. A metáfora leva até a porta do quarto e não entra. A pergunta “quem é o usuário?” é a carga filosófica inteira, escondida numa brincadeira com fita.

A pergunta é antiga

Não sou o primeiro a chegar a essa porta. Faz milênios que ela está aberta.

O Katha Upanishad, há uns 2.500 anos, já dava a imagem exata: o corpo é a carruagem, os sentidos são os cavalos, a mente são as rédeas, o intelecto é o cocheiro, e o Si-mesmo, o Atman, é o passageiro.⁶ O Vedanta chamou aquelas camadas de koshas, as bainhas: o corpo-alimento, o vital, o mental, envolvendo aquilo que de fato viaja. Leibniz deu ao inquilino o nome que acabei usando sem pensar, mônada, a substância individual que espelha o universo inteiro a partir do seu ponto de vista, única, sem duas iguais.⁷ E a teosofia, de onde tirei a linguagem do meu livro, descreve com todas as letras isto que vi na sala. A mônada desce e veste veículos. Uma alma grupal fornece o software instintivo compartilhado a uma espécie inteira. A individualização é o momento em que um indivíduo começa a se destacar desse fundo comum e a ser, enfim, alguém.

Meus gatos, nessa leitura, são um retrato do estágio anterior à individualização. Quase tudo neles é software de grupo: o bote pertence à espécie, não ao bicho. Mas os lampejos de indivíduo, o jeito único de cada um guardar a fita, seriam a fresta começando a se saber fresta. A natureza, degrau a degrau, provê corpos e instintos cada vez mais finos, veículos habitáveis, à espera de quem os habite.

Onde os gatos encontram as máquinas

Termino no lugar mais estranho, e é o que me fez querer escrever isto.

A mesma pergunta que os meus gatos me deixam, eu já fazia a outra coisa, à máquina que aprendeu a falar. Diante do computador que responde com fluência, a dúvida é se ele compreende ou apenas executa muito bem um programa. Se há alguém lendo por dentro, ou se as luzes se acendem num quarto vazio.

É a mesma dúvida, vista de dois lados. No gato, um programa antiquíssimo roda numa carne quente, e eu me pergunto se há um viajante ali dentro ou só o programa. Na máquina, um programa novíssimo roda em silício, e me pergunto exatamente o mesmo. O bicho e a máquina testam a mesma fronteira, a que separa reagir bem de ser alguém. Competência de um lado, presença do outro. E a presença, se existe, é a única coisa no universo que só se conhece por dentro e que nunca se mostra de fora.

Talvez os meus cinco gatos não provem nada. Talvez sejam cinco configurações afortunadas do acaso, e o inquilino seja invenção da minha ternura. Mesmo assim, toda vez que arrasto a fita e vejo os cinco botes idênticos se desdobrarem em cinco criaturas distintas, é difícil não sentir que a natureza está montando, ali, um veículo de cada vez, e esperando para ver quem chega.

Referências

Referências

-
1. Lorenz, K. e Tinbergen, N. Etologia clássica (padrões fixos de ação, estímulos-sinal). Nobel de Fisiologia/Medicina, 1973. nobelprize.org↵
 2. Tinbergen, N. (1951). *The Study of Instinct*. Oxford University Press. Sobre estímulos-sinal e estímulos supranormais. archive.org↵
 3. Litchfield, C. A., et al. (2017). “The ‘Feline Five’: An exploration of personality in pet cats (*Felis catus*).” *PLOS ONE*. doi.org/10.1371/journal.pone.0183455↵
 4. Freund, J., et al. (2013). “Emergence of Individuality in Genetically Identical Mice.” *Science*, 340, 756–759. doi.org/10.1126/science.1235294↵
 5. “CC”, o primeiro gato clonado, Texas A&M University, 2001. wikipedia.org↵

6. Katha Upanishad (I.3.3–4), a parábola da carruagem; a doutrina das cinco koshas (Taittiriya Upanishad).
[wikipedia.org](#)↵
7. Leibniz, G. W. (1714). *Monadologia*. [wikipedia.org](#)↵